

O Papa Francisco e a comunicação da Igreja Católica: construção de uma nova lógica dos processos comunicacionais¹

Ricardo Costa ALVARENGA²
Rafael Alberto Alves dos SANTOS³

RESUMO

No artigo são analisadas as três mensagens escritas pelo Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, data celebrada pela Igreja Católica no mundo todo, desde 1967, após o Concílio Vaticano II: “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro” (2014); “Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor” (2015); e “Comunicação e misericórdia: um encontro fecundo” (2016). Iluminadas pela teoria da semiótica francesa, as análises buscam identificar elementos que indiquem a construção de uma nova lógica dos processos comunicacionais da Igreja. A percepção é de que o Magistério do Papa Francisco sobre a Comunicação é fortemente marcado pelo resgate e valorização de uma cultura que gere proximidade e interação entre as pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Papa Francisco. Igreja Católica. Comunicação. Proximidade. Dia Mundial das Comunicações Sociais.

INTRODUÇÃO

Analisamos neste artigo as três mensagens escritas pelo Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMC): “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro” (2014); “Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor” (2015); e “Comunicação e misericórdia: um encontro fecundo” (2016). As análises partem da identificação de dois temas que perpassam os três documentos – “proximidade” (eufórico), que leva à solidariedade e misericórdia; e “distância” (disfórico) que leva a formas de exclusão e marginalização.

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016

² Mestrando em Comunicação Social, pela Universidade Metodista de São Paulo, bolsista Capes. Editor do Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação da Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Membro do grupo de pesquisa Mídia, Religião e Cultura (MIRE). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Estácio de São Luís. E-mail: ricardocalvarenga@gmail.com

³ Mestrando em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela mesma universidade. E-mail: rafael@arquidiocesedesaopaulo.org.br

O objetivo central é identificar elementos que apontem para a construção de uma nova lógica dos processos comunicacionais da Igreja a partir do discurso do Papa Francisco. O Magistério do Pontífice sobre a Comunicação tem sido fortemente marcado pelo resgate e valorização dos aspectos da comunicação humana/interpessoal.

Diante desse objetivo, analisamos o texto de cada uma das mensagens escritas por Francisco por ocasião do DMC identificando as marcas discursivas que fazem circular o valor da “proximidade”, que se configura como um indicativo dessa nova lógica de comunicação incentivada pelo Pontífice.

As teorias da Semiótica francesa desenvolvidas por Landowski (1992, 2012, 2014) iluminam o *corpus* na análise mais direta dos textos. Puntel (2011), Marques de Melo (2005) e Dariva (2003) são usados na contextualização da relação Igreja-Comunicação⁴.

O texto está dividido em cinco sessões, além das conclusões. Na primeira e segunda sessão, são resgatados aspectos contextuais que favorecem o entendimento e análise das mensagens. Na terceira, apresentamos os primeiros elementos da análise. A sessão quatro traz a figurativização dos temas identificados nas mensagens. Na última sessão, propomos um Quadrado Semiótico para identificar a circulação dos valores que são reiterados nos textos.

UM DIA PARA A COMUNICAÇÃO

Para que possamos realizar uma análise mais completa, é necessário compreender inicialmente o contexto no qual surgiu o DMC. Neste sentido é importante observar que a relação Igreja-Comunicação sempre foi marcada por altos e baixos. De acordo com Melo (2005, p.38), “uma análise comparativa daqueles textos⁵ oferece uma compreensão da trajetória percorrida pela doutrina católica em face da tecnologia da

⁴ Convencionamos utilizar a terminologia relação Igreja-Comunicação para definir os processos, ações e posicionamentos da Igreja Católica sobre a Comunicação de modo geral.

⁵ Os textos mencionados por Marques de Melo (2005) são os documentos da Igreja que se apresentam com diferentes nomes, de acordo com seus propósitos. Por exemplo, “encíclica” é uma carta do papa dirigida a todas as comunidades de fiéis. Os “decretos” são documentos de significado prático, expondo disposições disciplinares. Diferem das “constituições”, que apresentam visões teológicas abrangentes, com verdades doutrinárias. “Declarações” são definições de princípios particulares (BURKE, 1966, p.137).

difusão coletiva e que pode ser catalogada sistematicamente em quatro grandes fases”. Essas fases apontadas pelo autor são: 1) censura e repressão; 2) aceitação desconfiada; 3) deslumbramento ingênuo; e 4) avaliação crítica.

O DMC surge na transição entre a segunda e a terceira fase, apontada por Marques de Melo. Em um momento que a Igreja passa a compreender os desafios impostos pelo novo modelo social, diretamente influenciado pelo rápido crescimento dos meios de comunicação. A convocação do papa João XXIII para o Concílio Ecumênico Vaticano II, em 25 de janeiro de 1959, é marco dessa transição.

O Concílio teve início em 11 de outubro de 1962, com a participação de dois mil e quinhentos padres conciliares. Os trabalhos foram iniciados pelo papa João XXIII, porém o encerramento, datado de 8 de dezembro de 1965, foi realizado pelo papa Paulo VI.

Foram necessários três anos de trabalho para concluir as discussões acerca dos diversos assuntos levantados pela Igreja Católica durante o Concílio. Como resultados concretos, foram publicados 16 documentos, entre eles o Decreto *Inter Mirifica*, que, segundo pesquisadores como Joana Puntel (2011), representou um marco para os novos rumos na relação Igreja-Comunicação. “Pela primeira vez, um documento universal da Igreja assegura a obrigação e o direito de ela utilizar os instrumentos de comunicação social” (p. 226).

O *Inter Mirifica* foi estruturado em dois capítulos: 1) Normas para o correto uso dos meios de comunicação social; e o 2) Os meios de comunicação social e o apostolado. O documento propõe, inclusive, uma nova terminologia para a comunicação. “A comissão preparatória considerou que expressões como “técnicas de difusão”, “instrumentos audiovisuais”, “*mass media*” ou “comunicação de massa” não exprimiam adequadamente as preocupações, os desejos e as perspectivas da Igreja” (DARIVA, 2003, p.68). A partir do novo olhar, pode-se perceber que a comunicação não deveria ser suprimida a apenas instrumentos técnicos, mas, sim, considerada como um processo social. “Assim, a expressão proposta foi ‘instrumentos de comunicação social’, que não só parecia mais apta a traduzir a ideia da comunicação que acontece

entre os seres humanos (...), como permitia ir além dos ‘*mass media*’ (imprensa, rádio, televisão e cinema)” (DARIVA, 2003, p.68).

Questões referentes à formação técnica e apostólica para o uso dos meios de comunicação são tratadas no documento, bem como a criação do Dia Mundial das Comunicações Sociais, com o propósito de “reforçar o variado apostolado da Igreja por intermédio dos meios de comunicação social, celebrando-se anualmente, nas dioceses do mundo inteiro, um dia dedicado a ensinar aos féis seus deveres no que diz respeito aos meios de comunicação” (INTER MIRIFICA, 1963, p. 18).

Da publicação do decreto *Inter Mirifica*, no dia 4 de dezembro de 1963, até a celebração do 1º Dia Mundial das Comunicações Sociais, se passaram alguns anos. Desde a primeira celebração do DMC, os papas escrevem anualmente uma mensagem, sobre a temática escolhida para cada ano. Essas mensagens se tornaram verdadeiras referências sobre a compreensão da Igreja sobre a Comunicação ao longo de 50 anos.

O PAPA LATINO-AMERICANO

Há pouco mais de três anos à frente da Igreja Católica no mundo, o argentino Jorge Mario Bergoglio, hoje Papa Francisco, primeiro pontífice latino-americano vem promovendo dentro e fora da Igreja uma verdadeira reviravolta de pensamento. Seus discursos estão alinhados com a realidade social, política e econômica; suas atitudes são tidas como espontâneas e têm sido o combustível dessa reviravolta.

Francisco é considerado o Papa Latino Americano, não só por ser o primeiro pontífice nascido no continente, nem por ter recebido em seus dois anos à frente do catolicismo todos os presidentes latino-americanos ou por ter ajudando na aproximação entre Cuba e Estados Unidos, mas por sua sensibilidade para com as necessidades dos povos desse continente e suas causas sociais.

Um aspecto de destaque no pontificado de Francisco tem sido seu constante incentivo a ‘Cultura do Encontro’, que segundo o Papa é chave para os grandes problemas da humanidade. Esse termo é frequente nos discursos e escritos do Papa Francisco. A sua recorrência serve de indício para nossa hipótese de que o Magistério

do pontífice favorece a construção de uma nova lógica dos processos comunicacionais da Igreja e na própria sociedade.

Tendo em vista essas características do novo Pontífice, a escolha das mensagens justifica-se pelo fato desses documentos concretizarem o que pensa o Papa Francisco sobre a comunicação. Por se tratarem de textos regulares (anuais) e que abordam uma mesma temática, é possível compará-los com metodologia científica.

OS PRIMEIROS INDÍCIOS

Em 2014, o Pontífice argentino explicou que para ele a comunicação ideal levava à consciência de que “somos humanos, filhos de Deus” e, em 2016, que “a rede pode ser bem utilizada para fazer crescer uma sociedade sadia e aberta à partilha”. Em ambas as mensagens, Francisco confidenciou que lhe agradava definir o poder da comunicação como proximidade. Nas mensagens que o Papa escreveu para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, ele reiterou temas e figuras que fazem circular um mesmo valor – o da proximidade como princípio fundamental de uma comunicação ideal.

As traduções oficiais das mensagens, disponibilizadas pelo site do Vaticano, mostram as frases com palavras diferentes. Porém, no original italiano é possível verificar que o Papa fez questão de usar exatamente a mesma frase nas três mensagens – “Mi piace definire questo potere della comunicazione come ‘prossimità’”. Essa interdiscursividade demonstra que Francisco tem muita clareza de onde quer chegar – fazer com que as pessoas se comuniquem de modo mais próximo e que mesmo quando se tratar de uma comunicação mediada pela tecnologia, o fim último seja a aproximação que leve ao encontro real, efetivo e afetivo.

Nas análises das três mensagens, é possível verificar a instauração de um eu/nós que, desde o início dos textos, gera efeitos de sentido de informalidade e proximidade. Por meio da debreagem enunciativa, o Papa Francisco deixa marcas pessoais e se aproxima dos enunciadores – os trechos “Hoje *vivemos* um mundo [...]” (2014); “Neste contexto, *considererei* oportuno [...]” (2015); e “O Ano Santo da Misericórdia *convidamos* a refletir [...]” (2016) são exemplares deste procedimento.

O uso da primeira pessoa do plural (“vivemos” e “convida-nos”) e da primeira do singular (“considerarei”) revela-se, ainda na enunciação, como um pressuposto de que o Papa procura estabelecer diálogos interpessoais em que ele próprio é um interlocutor acessível. Essa estratégia percorre os três textos. Há trechos, inclusive, em que Francisco se coloca claramente em conjunção com o objeto de valor que ele quer fazer com que as pessoas se ajustem. “A *nossa* luminosidade não derive de truques ou efeitos especiais, mas de *nos fazermos próximo*, com amor, com ternura, de quem *encontramos* ferido pelo caminho” (2014).

Nosso principal aporte teórico/metodológico é a semiótica francesa, que por sua vez não restringe a identificação das marcas da enunciação à forma como o enunciador se instaura no discurso pronominalmente, mas depreendendo sentidos, também, a partir das marcas espaciais e temporais deixadas em cada texto. No caso das mensagens analisadas, essas marcas reiteram o sentido de proximidade e acessibilidade instauradas com a enunciação em primeira pessoa – “hoje” (2014); “para o próximo mês de Outubro” (2015) e “O Ano Santo da Misericórdia” (2016) são expressões que reforçam a ideia de que o enunciador está acessível aqui/agora.

Outra forma de depreender sentidos na enunciação é perceber no discurso o uso de palavras, expressões ou frases que tem teor subjetivo e ou passional e exprimem opiniões ou julgamentos. Os três textos de Francisco tem exemplos do uso passional de algumas expressões, como quando ao falar sobre os contrastes entre ricos e pobres percebidos nas cidades, o Papa afirmar que “estamos já tão habituados a tudo isso que nem nos impressiona” (2014). Na mensagem que tem a família como tema central, um exemplo dessa subjetividade enunciativa pode ser encontrado no trecho em que Francisco admite que “não existe a família perfeita” (2015). Expressões como “audácia positiva e criativa” e “dom de Deus” (2016) geram esse mesmo efeito de sentido eufórico de proximidade em relação ao que se está enunciando.

A FIGURATIVIZAÇÃO DAS MENSAGENS

A partir da identificação de dois grandes temas que percorrem o discurso das três mensagens analisadas – o da proximidade (eufórico) que leva à solidariedade e misericórdia; e o da “distância” (disfórico) que leva a formas de exclusão e marginalização, é possível destacar figuras que o Papa utiliza para concretizar esses

48º Dia Mundial das Comunicações Sociais - 2014 “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”		
VALOR	TEMA	FIGURATIVIZAÇÃO
Eufórico	Proximidade	Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação; família humana; mass-media; internet; variedade de opiniões expressas; silêncio para escutar; pessoa acolhida; Matrimônio; Cristianismo; discípulos do Senhor; encontrar uma pessoa; escriba; bom samaritano; rede digital; Igreja acidentada que sai pela estrada; discípulos de Emaús; Evangelho;
Disfórico	Distância	Distância escandalosa que existe entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres; contraste entre os que vivem nos passeios e as luzes brilhantes das lojas; muros; esfera de informações que correspondem apenas às nossas expectativas e às nossas ideias; desejo de conexão digital; consumo; manipulação das pessoas; o levita e o sacerdote;
49º Dia Mundial das Comunicações Sociais -2015 “Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor”		
VALOR	TEMA	FIGURATIVIZAÇÃO
Eufórico	Proximidade	Família; visita de Maria à Izabel; alegria do encontro; ventre que nos abriga; oração; se abraçar; decifrar olhares e silêncio, rir e chorar juntos; visitar; Igreja; criança; meios mais modernos de hoje; os pais; a comunidade cristã.
Disfórico	Distância	Mundo que amaldiçoa; insulta; semeia discórdia; polui; ódio; violência; meios modernos de hoje;
50º Dia Mundial das Comunicações Sociais - 2016 “Comunicação e misericórdia: um encontro fecundo”		
VALOR	TEMA	FIGURATIVIZAÇÃO
Eufórico	Proximidade	Compaixão; ternura; perdão de Deus para todos; amor; nosso coração; nossos gestos; filhos de Deus; Igreja; Jesus; calor materno; pontes; inclusão; paz; harmonia; palavra do cristão; harmonia entre famílias; paz duradoura; escutar; Moisés; ambiente digital; verdadeira cidadania; sociedade sadia; dom de Deus.
Disfórico	Distância	Círculos viciosos de condenações e vinganças; velhas feridas e prolongados ressentimentos; desconfiança; ódio; medo; orgulho soberbo do triunfo; violência; corrupção; exploração; maldade. Injustiça; espectadores; usuários; consumidores; fingir-se de surdo;

temas em seu discurso.

A partir da análise da figurativização dos temas no discurso, é possível verificar a ocorrência daquilo que Landowski (2014) definiu como regime de ajustamento, que opera no campo da sensibilidade. O teórico explica que são duas as formas de sensibilidade suscetíveis de fundar os processos de ajustamento.

Primeiramente, uma sensibilidade no sentido mais usual do termo: a *sensibilidade perceptiva* que nos permite não apenas experimentar pelos sentidos as variações perceptíveis do mundo exterior (ligadas à presença de outros corpos-sujeitos ou elementos do mundo-objeto) e de sentir as modulações internas que afetam o estado do corpo próprio, mas também interpretar o conjunto dessas soluções de continuidade em termos de sensações diferenciadas que fazem por si mesmo sentido. Em seguida, uma sensibilidade que chamaremos de *sensibilidade reativa*: é aquela que atribuímos, por exemplo, aos toques do teclado de um computador ou ao pedal do acelerador quando dizemos que estão muito, e às vezes, demasiadamente, “sensíveis”. O que se entende por isso é que são construídos de modo tal que reagem muito exatamente, e inclusive rápido demais ao nosso gosto, não ao que “sentem” no sentido precedente do termo (porque desse ponto de vista se entende que não sentem nada), mas aos impulsos mecânicos, elétricos ou outros, aos quais os submetemos (LANDOWSKI, 2014, p.52).

Em figuras como, por exemplo, “família”; “decifrar olhares e silêncios, rir e chorar juntos”; e “Igreja acidentada que sai pela estrada” é possível perceber que o Papa que fazer sentir uma nova forma de comunicação mais afetiva. Esse regime de interação, mais arriscado segundo Landowski (2014), tem como característica marcante o fato de que nenhum dos atores planeja exatamente, de forma antecipada, aquilo que deverá resultar da interação com seu parceiro.

O objetivo fundamental dos participantes não consiste aqui, para nenhum deles, em fazer com que o outro realize um programa preestabelecido em detalhe. No que concerne às possibilidades da emergência de efeitos de sentido inéditos, isso constitui, por si só uma libertação! Porque, se, por desgraça, toda interação tivesse verdadeiramente (como postula a gramática narrativa canônica) que reduzir-se a uma fórmula quer programática quer manipulatória, tudo se passaria como se existisse no mundo só uma classe muito particular de sujeitos. Seríamos, nós todos, indivíduos cartesianos de alma e prudentes como pequenos burgueses (ricardianos): conhecendo de antemão, em toda a circunstância, os fins que almejamos, teríamos somente que escolher os meios para atingi-los, jogando seja com a força das coisas (na programação), seja com as debilidades humanas (na manipulação). Em tais condições, quanto mais seguros dos resultados de nossos atos estivermos por antecipação enquanto programadores ou manipuladores, mais rapidamente terminariam nossas ações – manobras ou estratégias – por tender a uma eterna repetição do mesmo. Monotonia, que, no final das contas, só produziria insignificância – e enfado (LANDOWSKI, 2014, p.53).

Em outros trechos do texto, Francisco evidencia que sua convicção é a de que os sentidos se constroem na relação entre sujeitos que se percebem como diferentes. O excerto a seguir, por exemplo, está em plena sintonia com o que Landowski articula no quadrado Conjunção/Disjunção que ele propõe no livro *Presenças do Outro* (2012), concretizando as relações entre assimilação, exclusão, agregação e segregação.

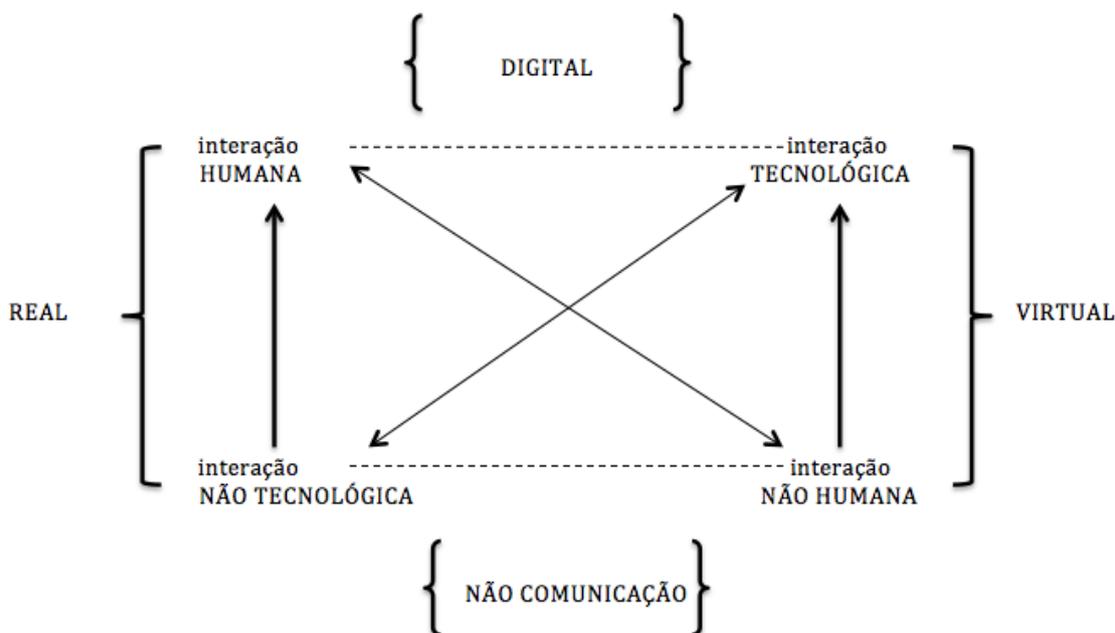
Temos necessidade também de ser pacientes, se quisermos compreender aqueles que são diferentes de nós: uma pessoa expressa-se plenamente a si mesma, não quando é simplesmente tolerada, mas quando sabe que é verdadeiramente acolhida. Se

estamos verdadeiramente desejosos de escutar os outros, então aprenderemos a ver o mundo com olhos diferentes e a apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas várias culturas e tradições. Entretanto, saberemos apreciar melhor também os grandes valores inspirados pelo Cristianismo, como, por exemplo, a visão do ser humano como pessoa, o Matrimônio e a família, a distinção entre esfera religiosa e esfera política, os princípios de solidariedade e subsidiariedade, entre outros. (PAPA FRANCISCO, 2014).

INTERAÇÃO HUMANA E TECNOLÓGICA

A partir das análises realizadas, é possível sintetizar a circulação de valores na oposição básica entre uma comunicação que tem como base a “interação HUMANA” e uma outra regida pela “interação TECNOLÓGICA”, conforme o esquema proposto no Quadrado Semiótico abaixo:

Imagem 1 – Quadro Semiótico – Interação Humana e Tecnológica



O valor eufórico do texto está no termo complexo formado à direita do quadrado, a partir da implicação do termo “interação não humana” no termo “interação humana”, que origina o “real”. Portanto, para o Papa Francisco a comunicação ideal até pode partir de uma interação mediada pela tecnologia (digital) desde que leve ao encontro “real”. A mediação que faz com que o indivíduo mantenha-se conectado apenas virtualmente tem valor disfórico nos textos analisados.

São muitos e reiterados os trechos das mensagens que confirmam essa axiologia proposta. No caso da euforia, tem-se, por exemplo:

- “a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus” (2014);
- “a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas” (2014);
- “os meios modernos de hoje [...] podem-na [a comunicação na família] favorecer, se ajudam a narrar e compartilhar, a permanecer em contato com os de longe, a agradecer, a pedir perdão, a tornar possível sem cessar o encontro” (2015);
- “também e-mails, sms, redes sociais, chat podem ser formas de comunicação plenamente humanas. Não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas o coração do homem e sua capacidade de fazer bom uso dos meios ao seu dispor” (2016).

São exemplos da operação de disforia proposta no Quadrado trechos como:

- “o desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo, de quem está mais perto de nós” (2014);
- “os meios modernos de hoje [...] podem-na dificultar, se se tornam uma forma de se subtrair à escuta, de se isolar apesar da presença física, de saturar todo o momento de silêncio e de espera [...]” (2015);
- “[as redes sociais]... podem também levar a uma maior polarização e divisão entre pessoas e grupos” (2016).

CONCLUSÃO

Nas três mensagens analisadas, o valor “proximidade” expresso no Quadrado na relação entre “digital” e “real” está materializado em objetos que, apesar de diferentes, circulam esse mesmo valor – no texto de 2014, o objeto de valor é a própria “cultura do encontro”, no de 2015, a “família” e, finalmente, no de 2016, a “misericórdia”. É na conjunção com esses objetos que os enunciatórios cumprirão sua performance satisfatoriamente.

Confirma-se, portanto, a hipótese de que o Magistério do Papa Francisco sobre a Comunicação tem influenciado na construção de uma nova lógica dos processos comunicacionais. Lógica que ultrapassa o entendimento da Comunicação apenas como sistemas modernos de mídia aos processos contemporâneos de troca. A proposta do Pontífice resgata a compreensão da Comunicação como algo que nos constitui como seres humanos.

O Papa discursa em torno da superação da compreensão equivocada de que os processos comunicacionais são apenas aparatos técnicos. Para o Pontífice, mesmo quando se tratar de uma comunicação mediada pela tecnologia, o fim último deve ser a aproximação que leve ao encontro real, efetivo e afetivo.

Vivemos em uma sociedade em que a modernização da comunicação acontece de maneira praticamente imensurável. Todo esse processo, na perspectiva de Francisco, pode favorecer as relações e promover o bem da sociedade, assim como também pode levar a uma maior polarização e divisão entre as pessoas.

Esse dualismo é recorrente nas três mensagens do Papa, a proximidade (eufórico) que leva à solidariedade e misericórdia; e a “distância” (disfórico) que leva a formas de exclusão e marginalização. Neste sentido, a comunicação ideal para Francisco é aquela cujo princípio fundamental é a proximidade.

A atual perspectiva pontifícia sobre a comunicação pode favorecer na Igreja uma mudança significativa na lógica dos seus processos comunicacionais. Incentivando uma cultura que utiliza os modernos aparatos de comunicação como equipamentos para favorecer as relações humanas, proporcionando o encontro e a interação pessoal,

tornando a comunicação cada vez mais dialógica e humana, para que as ações comunicativas ultrapassem os meios e permeiem o tecido social a partir das interações humanas e pessoais nos diversos espaços da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BURKET, T. **Communications**. The Documents of Vatican II. New York: Association Press, 1966.

DARIVA, Noemi (Org.). **Comunicação Social na Igreja** – Documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

DECRETO INTER MIRIFICA. Concílio Vaticano II. In: **Compêndio do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1972

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Tradução Luzia Helena O. da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

_____, Eric. **A Sociedade refletida**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC, 1992.

_____, Eric. **Presença do outro**. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

MELO, José Marques. **Comunicação eclesial: utopia e realidade**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PUNTEL, J. T. A Igreja a caminho na Comunicação. **Teocomunicação**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-242, 2011.